

Rubem Alves e a arte de tecer teias sobre nossos vazios¹

Rubem Alves and the Art of Weaving Webs Over Our Voids

Yohana Agra Junker²

RESUMO

Meu convite, nesse artigo, é para tecermos nossa própria teia sobre os vazios que temos diante de nós: exaustão, desorientação, luto, isolamento social, angústia, ansiedade profunda, desfundamento, uma caixa torácica que parece estar caindo, falta de toque, tristeza, desconhecimento, medo de que tipo de mundo entraremos em algumas semanas e meses... E uma das maneiras que eu consegui coragem para olhar para este vazio e começar minha própria tecelagem sobre ele é envolvendo-me com essas questões emergentes e urgentes através das artes.

Palavras-chave: Rubem Alves; Arte; Imaginação.

ABSTRACT

My invitation is to weave our own web over the voids we have before us: exhaustion, disorientation, grief, social isolation, angst, profound anxiety, groundlessness, a ribcage that seems to be caving in, lack of touch, sadness, unknowingness, fear of what kind of world we will walk into in a few weeks and months... And one of the ways I gather courage to stare at this void and begin my own weaving over it is by engaging with these emergent and urgent questions through the arts.

Keywords: Rubem Alves; Art; Imagination

Nos últimos anos, todos nós nos deparamos com a necessidade de atenuar os efeitos da pandemia, os sofrimentos mais perniciosos presentes em nossas nações, as violências que surgiram do colonialismo “mais baixo, racializado e preconceituoso”, como Alexis Pauline Gumbs coloca (GUMBS, 2020, p. 2). Nada em nossas experiências de pandemia tem sido estável, previsível ou encorajador. Nada nela foi esperançoso. Temos tentado adaptar a uma realidade em constante movimento cujas mudanças têm sido avassaladoras, disruptivas e marcadas por muitas perdas, mortes, violências, e muitas dores. Nossas famílias, comunidades, espaços e territórios estão cheios de corpos que carregam um acúmulo de histórias, experiências, memórias que são como teias cheias de dor, desenraizamento, deslocamento, trauma. Nossas memórias, corpos e

¹ Traduzido por Danilo Mendes, doutorando no Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião da UFJF.

² Doutora em Teologia - Theological Union, Berkeley. E-mail: yohanajunker@gmail.com

histórias carregam os lutos perdas pessoais, o impacto dos colapsos ambientais catastróficos, a brutalidade da supremacia branca e do racismo anti-negro, os efeitos do extrativismo coloniais e do capitalismo, a ascensão do populismo anti-imigração, o horror de lideranças fascistas, governos genocidas... tanta coisa está circulando nossos corpos agora. Como adrienne maree brown diz, “as crises estão por toda parte, massivas, massivas, massivas. E nós somos pequenos” (BROWN, 2017, p. 3).

Suas palavras reverberam profundamente em mim. A crise está em toda parte, sim. E nós somos pequenos. Quando essa sensação de impotência e desamparo se apresenta diante de mim, procuro me aproximar do trabalho, das palavras e dos mundos³ de Rubem Alves. Livros como *O retorno e terno*, *Por uma educação romântica*, *Creio na ressurreição do corpo*, *Perguntaram-me se acredito em Deus* me acompanharam tanto quanto a literatura que ele escreveu para crianças. Comecei a ler Rubem Alves muito cedo — fui presenteada aos cinco anos com *Como nasceu a alegria*. E embora nessa idade não pudesse realmente dizer por que suas histórias me comoviam tão profundamente, sabia que a maneira como ele não infantilizava suas pequenas leitoras e não deixava de escrever sobre o sofrimento em seus livros infantis, me ensinou algo sobre a capacidade humana de viver através da dor mais agonizante, de engajar com perguntas para as quais não temos respostas e de vivenciar a alegria mais extasiada. Seus livros infantis carregam a marca de vários eixos linguísticos, que carregam mundos inteiros em si. Imagem e texto estão entrelaçados com teopoética e contação de histórias que dão passagem a uma teologia e uma pedagogia dos sentidos e do coração. Em *Por uma educação romântica*, Alves fala sobre como as feridas e as tragédias na vida o fizeram entender visceralmente que a literatura, a poesia, a música, a contação de histórias ou uma potente obra de arte visual podem se tornar nutrição para nossos corpos famintos, alegria para nossas almas angustiadas. Ele escreve: “Ciência é fogo e panela: coisas indispensáveis na cozinha. Mas poesia é o frango com quiabo, deleite para quem gosta...” (ALVES, 2012, p. 22). Seu trabalho é um lembrete terno para que jamais deixemos de nos e apaixonar pela vida. Como educador, contador de histórias, criador de mundos, que encarnou o verbo esperar, ele era um fruidor compulsivo da vida —conjurou possibilidades, deu passagem a vida mesmo diante de interrupções e da obliterações.

A corporigrafia de Alves, para tomar emprestada a expressão de Cláudio Carvalhaes, me ensinou que todos compartilhamos essa capacidade de interromper a morte, ressurgir, inventar novas formas de ser e criar no mundo porque somos todos feitos à imagem e semelhança da criadora primordial — a aranha. Como artistas, as aranhas não só criam belas obras de arte — estruturas ao mesmo tempo frágeis e resistentes, bonitas e complexas, armadilha para as presas. Elas também são tecelãs de mundos. Como conjuradores-artistas, as aranhas medem riscos, carregam a teia dentro de si, e iniciam uma espécie de co-criação com o divino para traçar teias sobre nossos vazios. O fio — escondido dentro de seu corpo — permite que ela mergulhe no vazio

³ Nesse ponto, a autor faz um jogo de palavras com os termos “work”, “words” e “worlds”, respectivamente “trabalho”, “palavras” e “mundos”. [N.T.].

para que a tecelagem inicie. A teia, de certa forma, já está dentro dela. Mesmo antes de saltar, ela já carrega em si a estrutura que irá lhe dar armação, alicerces.

Meu convite é para que desenvolvamos nossa capacidade de tecer estruturas de amparo sobre os vazios que temos diante de nós: exaustão, desorientação, luto, isolamento, angústia, desalento, ansiedade excessiva. Como despertar nossos sentidos, a brincadeira, como cultivar a vida, o prazer, a alegria, as canções e palavras que reanimam nossas almas? Como lambar nossas feridas? Como começar a desfazer o trauma que metabolizamos? Como podemos nos comprometer com descanso, a resistência, a criação de rebeliões amorosas como Leanne Betasamosake Simpson nos convida? Como reinventar nossos rituais, práticas espirituais, nossos modos de estar uns com os outros? Como resistir à ganância que se infiltra através do concreto, dos combustíveis fósseis, da hiperconectividade, da produtividade? Como resistir às nossas estratégias entorpecentes, nossos lugares de esquecimento, nosso conluio com os sistemas de exclusão? Como construir espaços para experimentar outras formas de ser, inventar outros vocabulários e gramáticas, onde criamos outras práticas coletivas e corpóreas para o aterramento, a conexão, o afeto, a ternura e o pertencimento? Como nos reconectar com nós mesmos, um com o outro, com o planeta, com o sagrado? Acredito que Rubem Alves nos convidaria a prestar atenção aos espaços de invenções poéticas para que possamos tecer teias sobre esses vazios e fazer emergir vida nessas paisagens de morte.

Da mesma forma, Luis Antonio Simas pensa na sabedoria contida em nossos corpos, em nossas espiritualidades e em nossas práticas criativas como sendo capazes de abrir caminhos para resistirmos a tudo o que torna nossos corpos domesticados, sem vida e submersos no que ele chama de carregamento colonial (RUFINO; SIMAS, 2019). Penso no tipo de choque poético, reversão e descarrego que todos poderíamos gerar se recriássemos nossas formas de brincar, contar histórias, escrever cartas e desenhar imagens emergentes. O que aconteceria se limpássemos nossos pincéis, limpássemos nossas lentes da câmera, aquecêssemos nossas ferramentas de soldagem, recuperássemos nossas canções, enchêssemos nossos espaços vazios e confinados com corpos pulsantes que não têm medo de reinventar gramáticas de brincadeira e rituais que curam nossas relações?

A arte tem um poder tremendo para tornar tudo isso possível. Ela nos permite conectar com nós mesmos para que possamos acessar o que está escondido em nossos recôncavos mais profundos de uma maneira corpórea e visceral. Da raiva, ao luto e à admiração, as artes nos ajudam a tocar, sentir e nomear nossas emoções, educar nossos afetos, ao mesmo tempo em que nos inspiram a resistir, denunciar, agitar, curar, conectar, conjurar e gerar ferramentas para uma imaginação especulativa, para a integração do conhecimento encarnado e intelectual. É um local de sonhar, ensaiar, coreografar e parir novas possibilidades de ser e intervir no mundo. Quando mergulhamos em atos de criação, temos acesso à vida visceral, à vida somática do corpo, às suas reflexões, limites, intuições, respostas, desejos e necessidades. Podemos começar a tecer o invisível de volta no perceptível. E por causa do poder da arte de provocar, somos capazes de sentar com o problema, de nos inclinarmos para a instabilidade,

praticar o desaprendizado, e afirmarmos nossa capacidade inerente de sermos ao mesmo tempo “problemáticos e proféticos” (GUMBS, 2020, p. 2).

A arte, as histórias de nossos ancestrais, a produção de artistas mantém nossas práticas espirituais vivas e nos ajudam a criar uma visão coletiva da humanidade que resiste à violência imperial de dominação. Ancoram-nos em uma “política de amor” que busca justiça através da relacionalidade radical, coletividade, criatividade, vulnerabilidade, consideração mútua e potencialmente se desfazendo em afeto e ternura.

Gloria Anzaldúa escreveu com frequência sobre como artistas, imagens e histórias nos ajudam a acessar conhecimentos, raízes, a força, a cura — tudo aquilo que o colonialismo nos forçou a perder, esquecer, descartar. O que nos roubaram. A arte modifica nossos pontos de referência. Criamos arte para encontrarmos o som do que é genuíno, como Howard Thurman diz. Trabalhadores culturais como Favianna Rodriguez e Sonali Sangeeta Balajee têm pensado de forma semelhante ao que Alves nos propôs. Nomeiam que estamos numa conjuntura em devemos aprender a integrar as artes a uma espécie de senso de pertencimento encarnado para que possamos curar e esperar. Em seu ensaio “An Evolutionary Roadmap for Belonging and Co-Liberation” [“Um Roteiro Evolutivo para Pertencimento e Co-Libertação”], Balajee propõe uma estrutura para abordar nossas urgências e angústias através de pequenas ações e conexões: construindo espaços de pertencimento enraizados no *amor*, na *quietude*, na *contemplação* e no *devir* (BALAJEE, 2018). Através do trabalho do *amor*, somos capazes de cultivar afeto e abertura como formas de ampliar o cuidado com nossos corpos, comunidades e com a nossa terra. Através da prática da *quietude*, podemos começar a desacelerar nossos sistemas nervosos — mantendo a capacidade de estar inteiro à medida que continuamos a desmontar as crises maciças e massivas que estamos vivendo. Ao *contemplar*, podemos começar a expandir nossos pequenos círculos de cuidado para círculos mais expansivos. Para ela, o capitalismo e a supremacia não podem criar raízes em espaços decoloniais onde existe uma troca de olhar, um profundo testemunhar. Essa troca de consideração profunda e íntima nos permite identificar onde a violência circula, onde o poder se esconde e é mal utilizado para exterminar e excluir. Pequenas práticas de *devir* também apoiam o surgimento, a mutualidade e uma orientação para a imaginação criativa.

Nossos corpos, de fato, vêm experimentando muito e de forma avassaladora desde o início da pandemia. E me pergunto o quanto nossos espaços acadêmicos e de trocas intelectuais poderiam se beneficiar do que Balajee propõe como tentativa de responder às profundas e coletivas mudanças, desempoderamento e trauma que o COVID-19 nos trouxe. Como podemos exercitar a esperança ao incorporar experiências de presença, amor, quietude, testemunhar e devir em nossos espaços? Talvez, um primeiro passo seria reconhecer que muitos de nós estamos lidando com experiências de desamparo, ansiedade, isolamento, luto e preocupação. Estamos metabolizando o trauma e estamos lidando com várias formas de inseguranças materiais e espirituais. Como podemos projetar encontros que se baseiam em respeito e contemplação, mesmo diante da contínua pandemia, supremacia branca, militarismo, racismo anti-negro,

violência, guerra e governos genocidas? A exposição continua ao abuso e à violência nos fere profundamente.

Cuidar das maneiras pelas quais esses traumas interagem e aparecem em nossas comunidades é uma maneira de levar a sério o impacto que essas realidades têm em nosso *corpo-espírito-tempo-espaço*. Este é um termo que Patrisia Gonzalez, uma estudiosa indígena chicana, cunha para evidenciar como somos uma unidade indivisível composta de nossos corpos, os lugares em que nos enraizamos, os espíritos que nos guiam, e as vidas contidas em nossas histórias (GONZALES, 2012, p. xix). Como Resma Manakeem aponta, nossos corpos e cérebros têm essa grande capacidade de aprender, passar por transformações, crescer e curar. “Embora o trauma possa inibir ou bloquear essa capacidade”, escreve ele, “uma vez que o trauma tenha sido abordado, o crescimento e a mudança positiva podem se tornar possíveis novamente” (MANAKEM, 2017, p. 55). Assim como traumas e vírus se espalham, também podem se espalhar afeto, respeito e presença. Devido ao poder da arte de evocar, criar e revelar vários padrões, pensamentos e significados, descobri que o ato de me envolver com as artes é incrivelmente útil na elaboração de ansiedades que emergem das várias ameaças à nossa existência. As práticas artísticas nunca estão muito longe do que mais importa na vida. Elas têm uma profunda habilidade de nos colocar em contato com um impulso criativo, de nos oferecer insights sobre nossas próprias interioridades, e de nos mover espiritualmente, emocionalmente e intelectualmente em direção a nós mesmos, uns aos outros e ao divino.

Manifestações artísticas muitas vezes nos permitem acessar e nos conectar, individual e coletivamente, com o que é significativo, potencialmente generativo e, em última instância, transformador. Trata-se menos de entender completamente o mundo como tal e mais sobre estar alerta para descobrir as oportunidades que este mundo nos oferece. Temos que acordar! Julia Kristeva descreve esse despertar estético com um lembrete de que nossos corpos devem participar da experiência com a arte não só para contemplar o objeto de arte, mas também para senti-lo. Ela escreve: “O objetivo final da arte é talvez o que foi celebrado anteriormente sob o termo de *encarnação*. Quero dizer, com isso um desejo de nos fazer sentir uma experiência real [no corpo]” através de linhas, cores, sensações, texturas, movimento e participação (*apud* BANN, 1998, p. 64-65). De certa forma, e como Alves propõe, as artes nos lembram da vida que está enterrada sob o peso de nossas responsabilidades, nossa angústia, nossa dor. Quais memórias permanecem encarnadas e emergem contra nossa matéria esperando para serem libertadas de dentro? Às vezes, afirma Alves, a vida tem que ficar adormecida por anos, enterrada dentro de nossos sepulcros... Às vezes, a vida só tem uma chance após a morte. Então, no meio da morte que impregna nossos dias, semanas, meses, e os milhões de vidas perdidas para o COVID, gostaria de compartilhar com vocês o trabalho de dois artistas que acredito terem ativado e ressuscitado a vida do torpor dos últimos dois anos. Eles encontraram maneiras de criar, reanimar e mobilizar o público mesmo diante da impossibilidade da vida.

A primeira é Vanessa German. Ela se descreve como “uma artista cidadã que centra a exploração de tecnologias humanas que respondem às catástrofes em curso de racismo estrutural, supremacia branca, heteropatriarquia, extração de recursos e

misoginia”⁴. German cria arte em todos os tipos de línguas, em todos os tipos de emanções. Você pode encontrar seu trabalho na forma de esculturas, performance, rituais comunitários, instalação e fotografia e parte do que ela está tentando fazer é “reparar e remodelar sistemas humanos, espaços e conexões humanas rompidas. Sou uma artista cidadã autodidata que trabalha em escultura, performance, rituais comunitários, instalação imersiva e fotografia, a fim de reparar e remodelar sistemas, espaços e conexões rompidas. Sua prática propõe novos modelos de cura social, utilizando a criatividade e a ternura como forças vitais para contar com as violências históricas e perniciosas de nossa sociedade”.

Na obra intitulada *Blue Walk*, ela encena o que chama de espetáculo do amor. German permite que o público e os artistas busquem, encontrem, toquem, sintam, se envolvam com sentimentos que muitas vezes são suprimidos. No contexto dessa pandemia e de outras lutas que temos sofrido por causa das opressões entrelaçadas e interseccionais que experimentamos, as performances de German nos permitem realmente tocar, sentir, metabolizar a raiva, o luto, a ternura e até mesmo a nossa necessidade de descansar. Esta peregrinação em particular foi encenada em julho, em Portland, durante o *Time-based Art Festival* organizado pelo Instituto de Arte Contemporânea de Portland. A artista e um grupo de intérpretes caminharam por um bairro historicamente negro, reconhecendo como a gentrificação tem impactado as ecologias sociais dentro da cidade. Enquanto os participantes caminhavam pelo bairro, pudemos sentir, em primeira mão, e ver com nossa própria carne como a gentrificação e a marginalização geraram insegurança habitacional, o deslocamento e a retirada dos corpos negros deste trecho de terra. Os participantes foram convidados a caminhar. Aqui cito a declaração da artista: “no poder do Blues. Movendo-se no poder da água, da criatividade e do absoluto dimensional. O ritual é a canção de adeus e a canção de levante. Aprendemos isso em um curto período de união pré-ritual. Essas músicas são sobre ouvir, dar permissão à voz e ao corpo, e ocupar o espaço e o céu”⁵.

Vanessa German me lembra do poder das histórias de Rubem Alves. Sua poética está escrita em meu corpo como as performances de German. Essas narrativas criam uma topografia carnal e mental de rituais que mediam e levam em conta todas as maneiras pelas quais enfrentamos luto, anseio, saudade e desejo de cura. Através da narrativa, ajuntamento de corpos e tecidos, os rituais e atos coletivos mediados por German recuperam o direito do povo negro de compartilhar poder, espiritualidade e presença. Participantes não negros foram convidados a testemunhar, estar presentes de maneira consciente, entendendo como internalizamos e externalizamos o racismo em nossas relações e vidas. Com sede em Pittsburgh, a prática artística de German está entrelaçada e é inseparável de seu ativismo e liderança comunitária. Em 2011, a artista fundou a *Love Front Porch*, uma iniciativa artística para as mulheres, crianças e famílias do bairro local para defender a arte como um ato de justiça restaurativa. German confronta e desmantela o peso emocional e espiritual imposto pela opressão multigeracional nas comunidades negras.

⁴ Ver Vanessa German <https://www.wanawari.org/vanessa-german.html>

⁵ Ver Vanessa German, <https://artandaboutpdx.com/calendar/the-blue-walk>

Outra artista que, através da arte, criou um espaço para as pessoas se unirem mesmo nos momentos e espaços mais dolorosos, é Lygia Pape. Artista brasileira nascida em 1927, encenou uma mobilização coletiva com seu trabalho durante alguns dos anos mais difíceis da história brasileira. Natural do Rio de Janeiro, Pape foi uma influente escultora dos movimentos concretista e neoconcretista nas décadas de 1960 e 1970. Sendo profundamente crítica da ditadura brasileira e do estado de repressão que assaltou o país de 1964 a 1985, seu trabalho sondou os limites das experiências sensoriais e psicológicas de seu público e, como Vanessa German, se baseou fortemente na participação física, incorporada e coletiva do mesmo. *O Divisor*, seu trabalho mais conhecido, é ao mesmo tempo performance e escultura e tece corpos de espectadores/participantes, espaço físico, mobilidade em uma obra de arte literalmente comovente. Originalmente realizada no Rio durante o golpe militar, no qual as pessoas eram proibidas de se reunir coletivamente nas ruas, ela compôs essa peça para que o público fizesse exatamente isso — ocupar espaços públicos e conspirar pela liberdade sob um grande manto. *Divisor* é composto por tecido de algodão branco de 30 metros em forma quadrangular. A peça tem duzentos vãos simetricamente perfurados no tecido através do qual espectadores são convidados a “vestir” a escultura coletivamente, por assim dizer. Uma vez que 200 participantes estejam devidamente posicionados, são convidados a caminhar enquanto “vestem” a obra de arte. O tecido branco de Pape repousa sobre os ombros dos participantes, isolando o resto do corpo e permitindo que uma procissão seja iniciada. Como o trabalho de German, esse desempenho colapsa fronteiras e tece teias através dos abismos de classe, raça, identidade de gênero, orientação sexual, idade, habilidade corpórea, e muito mais, em um trabalho destinado a fluir e se desdobrar livremente mesmo nos períodos mais horríveis da história.

À medida que os corpos se movem pelo Rio de Janeiro (ou quarenta anos depois em Nova York) literalmente vestindo a escultura, são convocados a integrar seus corpos e se juntar a uma nuvem de testemunhas. O efeito é ao mesmo tempo comovente e poderoso: uma multidão de pessoas, unificada pelo que se assemelha ao movimento de ondas, atravessa as ruas em procissão, retirando, em uníssono, sua liberdade temporária. Como apenas as cabeças dos participantes são visíveis, uma luta ambivalente ocorre à medida que os corpos transitam da presença individual para a ação coletiva. A escultura em movimento de Pape reivindica ação, reflexão e coparticipação. Esses corpos vivos e pulsantes funcionam como lembretes de que essa teia artística, embora cheia de incisões, aglomera uma comunidade que dá passagem não só ao que é belo, mas, também, ao que está ferido. A obra de arte destaca a simultaneidade da vida compartilhada de quem está presente: seus corpos tanto arrematados uns aos outros quanto agindo uns sobre os outros, são transformados nessa dança, transmutando temporariamente a precariedade que os acomete. A “imbricação de corpos no tecido do mundo”, como diz Mayra Rivera, facilita uma espécie de união. E marcado na pele, *o divisor* é uma renovação do compromisso com a justiça, a coletividade e a esperança. Em cada estica e empurra, os corpos negociam o espaço para que caminhem juntos na mesma direção.

O que obras de arte como essas exigem de nós é o que Rubem Alves nomeia como um despertar, uma educação de nossos sentidos capazes de conjurar novos mundos à existência, tecendo teias sobre os vazios diante de nós. Quando me entrego ao trabalho de Pape ou de German, me lembro das histórias e reflexões de Alves sobre

conchas, ostras e a beleza. Impressionado com a beleza das conchas, Alves procurou decifrar o enigma das ostras. Descobriu, então, que ostras não são apenas engenheiras competentes que construíram casas para que seus corpos tenham abrigo dos predadores mais ameaçadores em ambientes traiçoeiros. Alves as via como arquitetas e artistas. Antes que obras de arte tomem forma, elas existem virtualmente na alma do artista. Antes que as belas conchas se formem, ele escreve, elas existem nas almas das ostras. “A vida”, ele ruma, “não só gera objetos úteis, ferramentas adequadas para a sobrevivência. A vida não quer apenas sobrevivência. A vida quer fruir, quer avançar em direção à alegria, em direção ao que alimenta nosso senso de esperança, nossa capacidade de imaginar o contrário. “Nossos corpos”, ele afirma, “precisam de mais do que pão para sobreviver” (ALVES, 2012, p. 73). Estamos famintos por beleza, conexão, pertencimento, acolhimento. Nossos olhares e sentidos também precisam ser nutridos e alimentados.

As obras de arte tratadas aqui permitem que uma educação de nossos afetos e sensibilidades ocorra, trazendo um convite para nos mover em profundo respeito, reverência, emaranhamento, resistência e, mais importante, em responsabilidade capacidade de responder (response-ability) às necessidades coletivas, para usar a linguagem de Catherine Keller. À medida que as teias de German, Pape e Alves continuam a nos envolver e nos cercar, torna-se cada vez mais claro que as artes têm essa capacidade vibrante de despertar em nós sonhos adormecidos. Elas convidam à co-tecelagem das linhas cruzadas mesmo diante da impossibilidade, da negação e da desrealização. Essas artistas carregam vastos e complexos corpos de pensamento que nos orientam para a libertação, a reverência e um viver como um ato sagrado e ritualizado de união comum. Ao testemunhar coletivamente o trabalho dessas artistas, abrimos uma “habilidade de nos relacionarmos profundamente e respeitosamente entre as diferenças”, mantendo uma “receptividade ao desconhecido”, para pegar emprestada a linguagem de Laura Pérez (PÉREZ, 2019, p. xx). Inerentemente polivalentes, as artes têm um tremendo poder de conectar, reverberar e inquietar o que está escondido dentro de nossos recessos. Como locais para criar o mundo e coreografar novas possibilidades de ser, as artes visuais são capazes de cultivar em nós uma orientação e uma abertura para a imaginação, o mistério e tudo que temos deixado de lado, esquecido, descartado ou perdido. Essa pandemia, a incapacidade do coletivo de responder decentemente às urgências de nossos tempos nos impactaram de maneiras que não podemos compreender plenamente no momento. Espero que essas reflexões nos provoquem o desejo de co-tecer as teias imaginativas e sagradas sobre os nossos abismos.

Referências

ALVES, Rubem. **Por uma educação romântica**. Campinas: Papirus, 2012.

BALAJEE, Sonali Sangeeta, “An Evolutionary Roadmap for Belonging and Co-Liberation,” **Othering and Belonging Institute**, ago. 2018. Disponível em: <<http://www.otheringandbelonging.org/evolutionary-roadmap-belonging-co-liberation/>>. Acesso em: 15 ago. 2022.

BANN, Stephen. “Three Images for Kristeva: From Bellini to Proust,” in **Parallax**, v. 4, n. 3, 1998.

BROWN, adrienne maree. **Emergent Strategy**: Shaping Change, Changing Worlds. Chico, CA: AK Press, 2017.

GERMAN, Vanessa. **Vanessa German. Wa na wari**. Disponível em: <<https://www.wanawari.org/vanessa-german.html>>. Acesso em 15 ago. 2022.

GERMAN, Vanessa. The Blue Walk. *Art & About*. Disponível em: <<https://artandaboutpdx.com/calendar/the-blue-walk>>. Acesso em: 15 ago. 2022.

GONZALES, Patrisia. **Red Medicine**: Traditional Indigenous Rites of Birthing and Healing. Tucson, AZ: University of Arizona Press, 2012.

GUMBS, Alexis Pauline. **Beyond Survival**: Strategies and Stories from the Transformative Justice Movement. Chico, CA: AK Press, 2020.

MANAKEM, Resma. **My Grandmother’s Hands**: Racialized Trauma and the Pathway to Mending Our Hearts and Bodies. Las Vegas, NV: Central Recovery Press, 2017.

PÉREZ, Laura E. **Eros and Ideologies**. Durham: Duke University Press, 2019.

RUFINO, Luiz.; SIMAS, Luiz Antonio. **Flecha no Tempo**. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

Submetido em: 24/01/2022

Aceito em: 28/02/2022